

SEÇÃO: RESENHAS

Aprendizagem na universidade: participação do estudante

Altair Alberto Fávero¹, Mateus Lorenzon²

O livro *Aprendizagem na universidade: participação do estudante*, de autoria dos professores Dr. Francisco Imbernón e Dr. José Luís Medina, se insere em um campo acadêmico emergente e transversal às diferentes áreas de formação. A transformação da prática pedagógica universitária e dos processos de ensino e aprendizagem ali ocorridos em objeto de estudo decorre de situações macroestruturais, tais como a constituição de uma sociedade da aprendizagem, a massificação do ensino superior e as crises de legitimidade, de hegemonia e institucional que tensionam a organização das universidades contemporâneas. Tais situações exigem transformações proativas que envolvem também mudanças nas escolhas didático-pedagógicas.

O doutor em Filosofia e Ciências da Educação, Francisco Imbernón, docente da Universidade de Barcelona – Espanha, é um pesquisador expoente na área de formação de professores. Seus livros, entre os quais destacam-se *Formação continuada de professores* (2009), *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza* (2011), e *Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária* (2016), são basilares para a referida temática e exercem influência significativa em estudos e pesquisas desenvolvidos em âmbito nacional e internacional. Igualmente pertinente para a discussão do campo educacional, foi publicado, pela Cortez Editora, o livro *Inovar o ensino e a aprendizagem na universidade*, no qual já anunciava a necessidade da implementação de um paradigma de aprendizagem no ensino superior priorizando a participação ativa e a interatividade discente.

O também doutor em Filosofia e Ciências da Educação, professor da Universidade de Barcelona e coautor da obra resenhada, José Luís Medina, possui uma trajetória de excelência em pesquisa no campo educacional e de formação de profissionais em saúde. Fundamentando-se na epistemologia prática e reconhecendo o valor formativo das experiências profissionais, o autor discorre, em estudos recentes, sobre a formalização do conhecimento prático e a formação de um profissional reflexivo.

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9187-7283>. E-mail: favero@upf.br

² Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9402-5820>. E-mail: 196532@upf.br

Tal contextualização das produções bibliográficas dos autores é relevante, pois permite identificar a gênese da obra resenhada, bem como evidenciar proposições teóricas e epistemológicas que, muitas vezes, permanecem implícitas na escrita. No livro analisado, os autores destinam uma seção considerável para descrever estratégias de ensino colaborativas e que são potencialmente aplicáveis no ensino superior. Ater-se somente a organização e distribuição quantitativa dos capítulos da obra pode acarretar um entendimento errôneo de que se está diante de uma produção que adota uma tendência aplicacionista e neotecnicista de educação.

A obra está organizada em seis capítulos, além de contar com uma seção na qual são listadas biografias em língua estrangeira que permitem ao leitor ampliar e aprofundar as discussões e técnicas apresentadas. No capítulo introdutório, os autores anunciam o objetivo da obra, que consiste em discorrer sobre os processos de ensino e aprendizagem no ensino superior, bem como “[...] analisar e buscar alternativas para a transmissão de conhecimentos” (IMBERNÓN, MEDINA, 2022, p. 13). Justificam a necessidade de modificar a lógica de transmissão de conteúdos, caracterizada pela unidirecionalidade da comunicação, devido à conjuntura contemporânea. Destacam, ainda, que a cultura acadêmica e o modo de ser dos docentes são processos multifatoriais, alertando que as estratégias de ensino listadas na obra precisam ser adaptadas aos diferentes contextos, a fim de adaptar-se às especificidades ou para modificar a cultura institucional.

No segundo capítulo, nomeado *Mudanças no processo de ensino-aprendizagem*, os autores discorrem sobre a necessidade de mudanças institucionais. Para eles, a adoção de práticas vanguardistas exige o desenvolvimento de um exercício imaginativo, no qual projeta-se um futuro. Reconhecem que o ato de projetar não está isento da possibilidade de erro, pois o futuro baseia-se em um cenário de volatilidade e incertezas. Os autores expõem a necessidade da autorrenovação da instituição universitária frente às mudanças nos fundamentos científicos (epistemológicos), sociais e educacionais do tempo presente. Além disso, Imbernón e Medina (2022) defendem que a reconfiguração da universidade exige romper a lógica de organização institucional, a fim de transformá-la em um espaço de manifestação da vida, de aprender a ser cidadão e a desenvolver a sensibilidade estética, ética, política, cultural e social. Romper com a inércia institucional exige um engajamento ativo por parte do professorado, bem como o desenvolvimento de novas competências docentes.

Compreende-se que a ruptura da inércia institucional pode ser decorrente de dois processos distintos. O primeiro emergiria de fatores externos, entre os quais se incluem a mudança das normativas que regem a organização das instituições de ensino superior, bem como as expectativas sociais a respeito das universidades. Logo, em momentos de crise de legitimidade institucional ou em que se percebe uma discrepância entre as expectativas

recorrentes no imaginário social e da ação institucional, as organizações tendem a buscar estratégias visando adequar-se às novas demandas.

O segundo movimento de tensionamento das práticas institucionais é interno e sua gênese encontra-se na percepção que os docentes e gestores possuem da inviabilidade ou falibilidade das práticas que até então são desenvolvidas, bem como das limitações éticas e políticas do *ethos* universitário. Supõe-se que desta percepção emergem empreendimentos com potencial transformador, desde que sejam sustentados por políticas institucionais.

No terceiro capítulo, os autores abordam o conceito de planejamento na docência universitária, enfatizando a sua necessidade para projetar as intenções educacionais. É fundamental investir tempo e esforço cognitivo para propor processos e estratégias de ensino e aprendizagem que permitam aos discentes desenvolverem a habilidade de aprender a aprender. Cabe ao docente universitário, a partir de seu repertório experiencial e teórico, estabelecer e refletir sobre os objetivos e os percursos que deverão ser estabelecidos para alcançá-los. Além disso, espera-se do professor a identificação de múltiplas fontes e espaços pertinentes para potencializar a aprendizagem dos formandos, bem como que se dediquem a projetar e propor estratégias facilitadoras do aprender. Por fim, cabe ao professorado o estabelecimento de estratégias avaliativas que sejam transversais a todo o processo de ensino e aprendizagem, bem como auxiliar os estudantes a perceberem as ferramentas propostas como algo fundamental para qualificar e otimizar o aprendizado.

A relação entre as mudanças das técnicas de ensino e transformações organizacionais no ensino superior revela-se complexa e limitada, se ancorada em uma perspectiva de docência universitária como algo individual e restritivo. Reitera-se que quando a opção por diferentes estratégias de ensino estiver fundamentada em uma postura reflexiva e encontrar espaços coletivos de discussão e políticas institucionais de suporte, ela pode ser seminal e reverberar na própria organização de currículos, constituindo um movimento incipiente de reflexão e reconfiguração institucional. No entanto, reconhece-se que esse movimento é gradual e requer um ato contínuo de pensar a própria prática e o estabelecimento de coletivos de investigação e reflexão.

O capítulo *Estratégias colaborativas* constitui o cerne da obra. Nele, Imbernón e Medina (2022) listam um conjunto amplo e variado de estratégias colaborativas de ensino e aprendizagem e as possibilidades de aplicá-las, bem como suas implicações para o desenvolvimento da aula na universidade. Entre as estratégias elencadas, cita-se algumas já conhecidas pelos estudiosos da temática, tais como aprendizagem baseada em projetos, seminários, debates, estudo de caso, diálogos simultâneos, simulação, redes de conceitos e Phillips 66. Outras, porém, são pouco difundidas ou recentes no cenário educacional, tais como estratégias de organização gráfica, sala de aula invertida, *peer instruction*, ensino sob medida e gamificação.

No quinto capítulo, evidenciam-se os critérios que devem ser levados em consideração no momento de planejar e selecionar uma estratégia de ensino. Os pesquisadores espanhóis enfatizam a necessidade de se ter clareza dos objetivos esperados, a idade e a maturidade dos discentes, o ambiente no qual a aula ocorre, o tempo disponível para sua realização, as características do grupo de alunos e, também, a sua própria personalidade como docente. Acrescentaria-se ainda que é fundamental o docente conhecer a lógica de organização e os pressupostos epistemológicos subjacentes à sua disciplina, a fim de valer-se de estratégias condizentes para ensiná-la.

Em relação à personalidade do docente, Imbernón e Medina (2022) afirmam que cabe aos professores identificar quais estratégias eles conseguem aplicar ou que tenham maior familiaridade, para, gradualmente, proporem situações mais complexas. Diante disso, reconhece-se que a escolha de uma técnica de ensino não é um processo unifatorial, mas demanda uma análise contextual e uma avaliação, a fim de identificar vantagens e desvantagens da situação escolhida. Saliendam ainda que as estratégias de ensino precisam ser propostas de modo a favorecer a continuidade de aprendizagem dos estudantes.

Por fim, no último capítulo, aborda-se um tema que, conforme os autores, é frequente nas discussões e oficinas de técnicas de ensino colaborativas: a participação dos estudantes. Imbernón e Medina (2022) listam um conjunto de estratégias que podem ser utilizadas, a fim de motivar os estudantes e, conseqüentemente, qualificar os processos de ensino. A inabilidade de trabalhar em grupo, conforme os autores, deriva-se de uma cultura de individualização predominante no espaço acadêmico. A fim de estimular a colaboração, sugerem que o docente explique com clareza o que se espera das tarefas, monitore os grupos de trabalho, propicie um clima adequado de trabalho e proponha estratégias de organização do grupo, como a atribuição de papéis. A participação ativa dos discentes não exclui a incumbência do docente de acompanhar e orientar determinadas situações.

Avalia-se que a obra desempenha uma dupla função. Para o leitor que está iniciando seus estudos acerca da temática, a obra oferece um panorama de questões que envolvem os processos de ensino e aprendizagem no contexto da universidade. Assim, o livro constitui uma base, a partir da qual identificam-se novos tópicos de interesse para aprofundamento e estudos posteriores. Nesse mesmo viés, ao pesquisador já iniciado no tema, há tópicos pertinentes para a discussão e reflexão, entre os quais a coerência entre objetivos, estratégias de ensino e instrumentos avaliativos, ou a interrelação entre a reconfiguração das aulas universitárias e as mudanças macroestruturais ocorridas na sociedade contemporânea.

A segunda função desempenhada pelo livro de Imbernón e Medina (2022) é servir de um repositório de técnicas de ensino que podem ser empregadas no contexto universitário, a fim de qualificar a prática pedagógica ocorrida neste espaço. No entanto, diferentemente de um catálogo prescritivo, os autores elencam estratégias, descrevendo-as, identificando suas

potencialidades, desafios e possibilidades de variação. Para o docente universitário, a obra serviria como local de gênese de uma prática autoral, na qual, por meio da análise contextual e da reflexividade, poderia propor situações que melhorariam sua proposta de ensino.

Tendo em vista que o objetivo da obra é apresentar um conjunto de estratégias de ensino, não é demérito dos autores o fato de evitar um aprofundamento teórico ou epistêmico. Além disso, a aplicação ou adaptação das estratégias listadas não isenta os docentes de sua responsabilidade profissional de buscar outras obras que subsidiem a reflexão acerca dos processos de ensino e aprendizagem. Soma-se a isso que a ação reflexiva acerca do papel da aula universitária não pode restringir-se aos contextos microinstitucionais, mas sim acompanhada de uma discussão acerca da correlação entre o fazer docente e as mudanças ontológicas, antropológicas, sociais e culturais que marcam a sociedade contemporânea.

O livro *Aprendizagem na universidade: a participação do estudante* não esgota as discussões acerca da temática da docência e pedagogia universitária, o que, certamente, não consistiu na pretensão de seus autores. Vive-se um momento de rápidas transformações no âmbito social, cultural e econômico que, invariavelmente, tensionam o *ethos* e as práticas formativas ocorridas no contexto acadêmico. Frente a isso, espera-se dos docentes que se empenhem em um processo de fomentar as mudanças em suas salas de aula adotando um paradigma fundamentado na aprendizagem. Percebe-se que as mudanças necessárias não devem ser somente reativas, mas vanguardistas, a fim de fazer com que a universidade reassuma seu papel na sociedade contemporânea. Se, por um lado, Imbernón e Medina (2022) não dão conta de responder a todos os questionamentos e necessidades emergentes, por outro, a sua obra pode indicar possíveis caminhos de serem percorridos que, quando colocados em prática, poderão produzir micro mudanças. Essas pequenas alterações, isoladamente, não mudarão todo um complexo contexto institucional e social, mas, possivelmente, colaborarão para a formação de profissionais mais qualificados.

REFERÊNCIA

IMBERNÓN, Francisco; MEDINA, José Luís. *A aprendizagem na universidade: participação do estudante*. São Paulo: Cortez Editora, 2022.

Altair Alberto Fávero

Pós-doutorado pela Universidad Autónoma del Estado de México (2012), doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professor titular III e pesquisador da UPF. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES, UPF/RS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2.

favero@upf.br

Mateus Lorenzon

Graduado em Pedagogia pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), mestre em Ensino também pela UNIVATES e doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES).

196532@upf.br